

# OS ROMANOS

1832 RUBEM BRAGA

Foi no Leblon, no domingo de sol, e não era escola de samba nem rancho direito, era apenas uma tentativa de rancho, sem mulheres, sem musica propria. Eram quase todos negros e mulatos, quase todos muito fortes e vestidos da maneira mais imaginosa, com saiotos e escudos e capacetes com muitos dourados e prateados e de espada na mão. Cantavam o samba estranho Maior é Deus do Céu e no estandarte estava escrito assim: Heredo do Imperio Romano.

Todos achamos graça nesse H que dava ao enredo, que afinal não era enredo nenhum, uma subita solenidade, sugerindo graves palavras historicas e heróicas hostes de hunos, hierofantes, hieroglifos e hierarquias. E era muito guerreira a marcação da bateria — e Julio Cesar, com seu capacete de papel prateado de dois palmos de altura acima do pixaim, e brandindo com o enorme braço negro uma espada de ouro, nunca esteve tão soberbo na sua gloria.

Não, não morreu o Imperio Romano, embora Mussolini fizesse questão de suicidá-lo pela segunda vez. Ele rebenta soberano do fundo dos carnavais e tu, Marco Antonio, continuas a suspirar pela serpente do velho Nilo. E tu, Cleopatra, continuas a dizer ao homem que envias para vigiar o teu amado: "se o achares triste, diz que eu estou dançando; se o achares alegre diz que adoeci de subito..."

E esses pretos e mulatos que hoje dominam o mundo com suas espadas de bobagem, e se fazem Neros e Brutos e Caligulas, são os mesmos que de subito se precipitam esfarrapados no "sujo" mais feroz — pois quando não são imperadores preferem ser miseraveis terriveis e não os pobres contribuintes da taxa sindical do ano inteiro. A secreta gravidade e a espantosa riqueza do carnaval chocam-se com essa arrumação extraordinariamente pifia que os decoradores da Prefeitura fizeram na avenida, em um requinte de mau gosto que tenta ser popular e fica sendo apenas ruim — e com a indigencia mental desses carros alegóricos subvencionados, sem espirito, nem beleza, nem nada.

Pelo gosto da Prefeitura acabaríamos na infinita palermice de um carnaval de Buenos Aires, com aqueles funcionarios municipais fazendo prestitos e a multidão aborrecida e encreme.

Mas no seio do povo rebentam as imaginações como flores de loucura, esses sambas chorando, esses batuques heróicos, essa invenção incessante onde se despeja toda a fantasia, toda a tristeza, toda a opressão dos homens. Bem-aventurados os que fazem o carnaval, os que não fogem nem se recolhem, mas enfrentam as noites barbaras e acesas, bem-aventurados os gladiadores e Cesares e Chiquitas e baianas, e que a vida lhes seja leve na volta do sonho em que se esbaldam!

26.2.49

"O Homem Rouco"